

As
Quadradas
do
Povo

Pamphletos revolucionarios

Collaboração inédita de: — Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Bulhão Pato, Gomes Leal, Affonso Lopes-Vieira, Augusto Gil, Mayer Garção, Ribeiro de Carvalho, Thomaz da Fonseca, Carlos Amaro, Dias d'Oliveira, Carlos de Lemos e Armando d'Araujo.

AS. QUADRAS. DO
POVO. QUE. AP-
PARECEM. ANO-
NYMAS. SÃO. FEI-
TAS. PELOS. PRI-
MEIROS. POETAS
PORTUGUÊSES

Director:—HERCULES SEVERO

Proprietario:—A. DE ALMEIDA
Composto e impresso na typo-
graphia de Antonio Maria Antu-
nes, calçada da Gloria, 6 a 10.

CARTA AO REI

impondo-lhe a expulsão
dos jesuitas

Senhor! o atrevido sou,
sim, sou esse revoltado,
que a vosso pae hei ralhado,
e hei ralhado a vosso avô!
Se acaso David pecou
por vexar Bethesabé...
por minha lei, minha fé,
minha alma, meu coração!
muito mais péca o dinasta
quando a propria mãe arrasta
pelos cabelos no chão.

Senhor! a Patria ainda é mãe,
se acaso portuguez sois!...
Os seus trigueiros heróes
não tinham medo a ninguem.
Lembrae-vos, lembrae-vos bem!
que essas musgosas muralhas
representam mil batalhas,
d'aquelles rudes avós...
que tinham sangue nas veias
e esmigalharam cadeias
mais pesadas que as de vós.

Senhor! deveis-vos lembrar
que as pedras das fortalezas,
viram as frotas inglezas
com Beresford se esgueirar.
São pedras santas de altar!
pedras onde o vento chora,
que narram feitos de outr'ora,
como uma avó fanfarrona...
mas que, erguidas n'esses ares,
viram dar aos calcanhares,
heróes de Iena e Pamplona!

Senhor, de morros em morros,
de cumieiras em cumieiras,
vôam aves agoureiras,
lançando agua benta a jorros.
Que vêem fazer os cachorros,
que vêem fazer as corujas,
com as azas, negras, sujas,
a este azul de Portugal?...
Já acaso a não assusta
a sombra, tremenda e augusta,
do teu espectro, O' Pombal?

Despedaça as lagens frias,
sombra do Grande Marquez,
vem varrer, de léz a léz,
esta cáfila de harpias!
Se já não ha energias,
e este povo é de cobardes,
se já não fazem alardes
dos grandes heróes do Porto...
se não ha peitos altivos,
vem tu defender os vivos
ó sombra do Grande Morto!

Deixa a sombra dos ciprestes,
Levanta-te e ageita os ossos!...
Vem vêr ervaçoes, destróços,
onde houve jardins celéste.
Vem vêr ruinas agréste
conventos em vez de escolás,
fidalgas pedindo esmolás,
para erguer templos á Orgia...
como se o deus dos trabalhos,
Jesus, tivesse os serralhos,
de um Cura da Fréguezia.

Assésta a grande lunéta,
e olha os sacros mariolas
amontoando sacólas
como Harpagão, o forreta.
Olha a Monita Secreta
feita infernal Evangelho,
misturando o novo e o velho,
baralhando o ceu e o inferno
e olha os astros, que frescáta!...
feitos castiçoes de prata
no caixão do Padre Eterno.

Vem ao convento do Quelhas
vêr bonitinhas condéssas
beijocarem as abadessas
sobre as boquinhas vermelhas.
Como gulosas abelhas
extraíndo o mel das flores,
vê beijarem-se as sorores
como Juliéta a Romeu...
ou com lúbricos decótes
bailarem com as eócotés
chamádas do «Páe do Ceu»

Vem ver, que o quadro é fiel!...
damas de sangue azulino
fazer rezas ao Divino
p'ra que torne D. Miguel.
Olha outras em tropél,
bem vestidinhas de branco,
acolherem o João Franco
com meneios muito gratos,
ou de rástros, coitadinhas!...
fazerem lindas boquinhas
deante do Padre Mattos.

Vem ver gastarem teus bens
vergonteas de nobre rãça,
e até, vergonha e desgrãça,
serem os servos de cães!...
Vem ver os Joões Ninguens,
os bandidos da roupêta
fazer da Biblia escopêta,
do Evangelho artilheria,
faltando-lhes só dar cabo
de Deus e açoitar o rabo
de Santa Izabel de Hungria. ⁽¹⁾

Isto disse já no cúmulo
do odio á roupeta e ao sceptro,
e eis do Marquez vejo o espétro
surgir em pé no seu tumulto.
No rápido exame sùmulo,
a essa altiva fisionomia,
li-lhe os traços da energia,
e os gestos nóbres e francos
d'esse terror de chatins,
fidalgos e espadachins,
chefe dos «Capótes Brancos».

(1) Santa Isabel, Rainha da Hungria, era açoitada pelo seu confessor.

Como um velho Rei do Lacio,
fitando em roda heróes mortos,
seus olhos volvia absortos,
tristes como Bruto e Cassio.
Depois marchou ao Palacio
e ao cruzar as regias salas,
cheias de alfaias e galas,
deu um suspiro cruel...
e entre as fardas e as batinas
estas frases masculinas
te disse, ó Rei Manoel:

« Nobre duque de Bragança,
« meu amo, rei e senhor! . . .
« repele a garra do açôr
« e dos milhafres a herança !
« Rasga o pacto de aliança
« com quem vive de pilhagens,
« e te excita ás vis carnagens
« como o brigão D. Quichote.
« Expulsa os burlões devassos,
« que outr'ora expulsei dos paços
« quasi que a escarro e chicote.

• Neto de reis, ó Bragança,
« escravo dos jesuitas . . .
• olha que te precipitas
• no abysmo, ingenua creança !
• Repela o oiro e a pitança
• de ladões e de assassinos,
• que trucidam pequeninos
• qual soror Colecta, a irman . . .
• por torpe luxuria extranha,
• como Giller da Bretanha
« na sua torre albarran!

• Propicio a extases gratos
«no fundo de um cemiterio
«jáz entre a sombra e o misterio
• a pobre Saráh de Mattos.
• Sofreu inumeros tratos
«de béatas mãos cainhas
• esta flôr das creancinhas
• que o povo não esquece já.
«Conchego ao peito os seus ossos!...
• E olha, o teu trono em destroços
• quem o excomunga: é Saráh!

• Senhor desculpa o ardimento
• d'esta linguagem brutal!...
• Mas teu palacio real
• é do Diabo o convento.
«grande é meu enojamento!...
• mas o povo pelas praças,
• fala em roubos e trapaças,
• deboxes de cortezans,
• e outras ligas repelentes,
«de jesuitas com serpentes,
• Braganças com Orleans.

• Não desças a escura rampa
«que baixa á cova das fêras.
• Escuta as frases austeras
• do enviado da campã!
«A vêr se o mau tempo escampa,
«expulsa o clero feroz,
• não por honrar teus avós,
• filhos d'algo e com dinheiro,
• mas por honra ao nobre ancião
• teu velho avô Barbadão,
«Santo judeu sapateiro!

« Não extranhes senhor rei,
« nem me taxes de arrogante
« por tratar com tal desplante
« fidalgos da vossa grei.
« Senhor, não narro o que sei!...
« Mas não ha nada mais nobre,
« Sob este azul que nos cobre,
« este azul que Deus nos deu...
« do que as barbas prateadas
« as velhas barbas honradas
« de um santo avô plebeu.

« Que importa se o avô é nobre
« Se elle é christão ou judeu!...
« Por se amar um bom velhinho
« não faz caretas o Céu!

A isto os frades crueis
soltaram uivos e gritos.
E o espectro disse « maldictos!
« maldictos sois e sereis!
« muito em breve o sentireis,
« mas por signa de destróços
« eu vos traço com os ossos
« de Saráh a maldicção.
E saiu irto e pausado,
qual branca estatua de Fédra
e o « Convidado de Pedra.
na orgia de D. João.

Depois eu não vi mais nada.
Só vi, cantando, a alvorada
trazendo o sol pela mão...

.....
.....

Senhor, o átrevido sou,
sim, sou esse malcreádo,
que a vossso páe hei ralhádo,
e hei ralhádo a vosso avô!...
Porem se um rebelde sou
por professar taes ideias,
lançae-me aos pulsos cadeias,
lançae-me ferreos grilhões,
mas primeiro a estes burlões,
que bebem sangue de bórco,
não entregueis, a taes pórcos,
os cadavers dos leões!...

1 de Agosto de 1909.

GOMES LEAL.

P. S. — Sendo estes versos dirigidos a alguém, em fórma de carta, elles nunca poderiam constituir uma **carta anonyma**, motivo por que veem assignados.

O seu auctor, que nunca teme as consequencias das suas ideias e affirmações, quiz assumir a inteira responsabilidade d'esta carta.

ESTES . FOLHE-
TOS . PUBLICAM-
SE . AOS . DOMIN-
GOS . E . CADA . FO-
LHETO . É . COL-
LABORADO . POR
UM . SÓ . POETA

Preço 40 réis

**A' VENDA EM TODOS OS LO-
CAES DO COSTUME — SERIE
DE 10 FOLHETOS, POR ASSI-
GNATURA, ENVIADOS PELO
CORREIO, 400 RÉIS, FRANCO**

**————— DE PORTE —————
PAGAMENTO ADEANTADO, PO-
DENDO SER FEITO EM ES-
TAMPILHAS.**

**ESCRITORIO
Rua de D. Pedro V, 149
LISBOA**